

Denise Pimenta<sup>1</sup>

## **PANDEMIA É *COISA DE MULHER*: BREVE ENSAIO SOBRE O ENFRENTAMENTO DE UMA DOENÇA A PARTIR DAS VOZES E SILENCIAMENTOS FEMININOS DENTRO DAS CASAS, HOSPITAIS E NA PRODUÇÃO ACADÊMICA**

---

<sup>1</sup> Doutora em Antropologia Social pela USP. Fez trabalho de campo na Serra Leoa (África do Oeste) e defendeu, em 2019, a tese intitulada “**O cuidado perigoso: tramas de afeto e risco na Serra Leoa** (A epidemia do ebola contada pelas mulheres, vivas e mortas)”. Pesquisa que contou com bolsa de estudo da CAPES e teve a orientação do prof. Dr. John Cowart Dawsey (USP) e supervisão da profa. Dra. Aisha Fofana Ibrahim (Fourah-Bay College/University of Sierra Leone).

## RESUMO

A presente reflexão intenta fazer correlações entre a atual pandemia do covid-19 e minha pesquisa de doutoramento em Antropologia Social, que teve trabalho de campo na Serra Leoa, pequeno país da África do Oeste, e se dedicou às narrativas das mulheres serra-leonenses e suas vivências sobre a epidemia do ebola (2013-2016). A partir de minha experiência de pesquisa, busco apontar que toda pandemia/endemia/epidemia é marcada por questões raça, gênero e classe social, não sendo um fenômeno democrático, que atinge a todas e todos; cenário do qual o Brasil não se afasta. Portanto, busco aqui delinear o papel das mulheres – suas vozes e seus silenciamentos – durante a pandemia do novo coronavírus, visto que são as mais afetadas durante este evento crítico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pandemia, Mulheres, Vozes e Silenciamentos.



A parteira Jenneh (esq.) e as enfermeiras Benita e Doris (dir.).  
Acervo Pessoal, Komende-Luyama, Serra Leoa, 2017

## A EPIDEMIA DO AMOR

*Até o amor ser bom ele é tão ruim, tão ruim.*

- Novaes e Vivas, 2017

Após 5 anos de doutoramento na Universidade de São Paulo, 9 meses de trabalho de campo na Serra Leoa (África do Oeste), em março de 2019, defendi a tese intitulada: "O cuidado perigoso: tramas de afeto e risco na Serra Leoa (A epidemia do ebola contada pelas mulheres, vivas e mortas)". Mas poderia, sem dúvida alguma, ter recebido o título "Because of Love", pronta resposta da jovem serra-leonense Aminata Koroma à minha pergunta: "- Por que morreram mais mulheres, do que homens, durante a epidemia do ebola na Serra Leoa?"

Demonstrando certo estranhamento diante do meu questionamento, algo que para ela, à época com 18 anos, parecia tão óbvio, ainda acrescentou: "... porque mulher não abandona o marido e os filhos, mesmo sabendo que eles estão doentes". Nas relações de parentesco, amizade e vizinhança, a mulher é o elo responsável pelo cuidado doméstico de suas famílias e comunidades. Tornar-se mulher na sociedade serra-leonense passa diretamente pelo aprendizado da administração e gestão do cuidado, perpassando pelo trato com as crianças, os velhos e os homens (maridos, filhos, irmãos e pais). Assim, logo cedo, as meninas aprendem a gerir a divisão dos mantimentos, da água para o consumo da casa e da roça, além disso, são responsabilizadas por zelar das crianças menores, dos anciãos e dos enfermos.

Durante a epidemia do ebola, não foi diferente. Ao contrário, a sobrecarga do cuidado doméstico se intensificou, tornando a casa um lugar de extremado risco para as mulheres. Além do usual fardo de sempre, a casa passa a ser também perigosa. Dessa maneira, várias mulheres foram contaminadas enquanto cuidavam de seus maridos, filhos, pais e também de seus vizinhos e, de certa forma, também elas viraram o vetor de transmissão do vírus do ebola. Portanto, o mesmo *amor* que cuidava, colocava estas mulheres e meninas em situações de vulnerabilidade e risco. Adoecendo, muitas destas mulheres também eram cuidadas por outras muitas mulheres, que também teciam a trama de cuidado doméstico que, por sua vez, era a mesma rede de risco e transmissão da doença. O mesmo cuidado que salvava, também matava.

Vivendo entre tantas mulheres e meninas sobreviventes e cuidadoras, nunca as vi fugirem às suas responsabilidades nas redes de parentesco e amizade. Por outro lado, nunca as vi romantizarem o cuidado – aqui, aludido como amor – ao contrário, sempre ressaltavam o fardo carregado por elas na gestão da vida e da morte nas comunidades.

Pode-se dizer que toda e qualquer mulher serra-leonense, em algum registro, estava na linha de frente do controle da epidemia do ebola, visto que todas elas, agentes de saúde/segurança ou não, eram e são agentes primárias do cuidado.

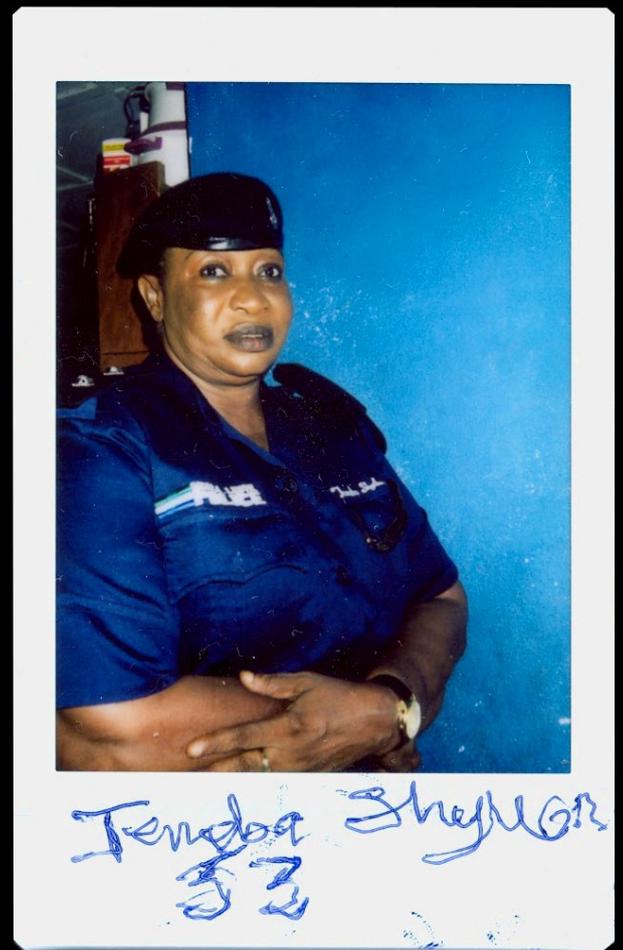


Isatu Kamara  
52 years Kambia



Cornelia P Macaula  
55 years

Isatu, uma das responsáveis pelo Connaught Hospital (esq.) e  
Cornelia, diretora da Nursing School (dir.).  
Acervo Pessoal, Freetown, Serra Leoa, 2017.



Beatrice, médica no Mortuary Connaught Hospital (esq.) e  
Jeneba, policial da cidade de Waterloo (dir.).  
Acervo Pessoal, Freetown e Waterloo, Serra Leoa, 2017

## PANDEMIA TEM CARA DE MULHER

*Eu até diria que  
a guerra "feminina" é mais terrível  
que a "masculina".*

- Aleksiévitch, 2016

Em 1985, a escritora e jornalista ucraniana Svetlana Aleksiévitch publicou o livro *A guerra não tem rosto de mulher*. Nesta obra, a autora recolhe inúmeros relatos de mulheres que fizeram parte do exército vermelho (russo) durante a II Guerra Mundial. A crueza dos fatos contados pelas mulheres, à época jovens soldados, é revestida de crueza e muito distante da aura heroica ou demonizadora impressa nos relatos oficiais, narrados e escritos por homens. Aleksiévitch reúne uma série de mulheres que trabalharam na linha de frente durante a guerra, suas narrativas se distanciam daquelas masculinas,

Os relatos femininos são outros e falam de outras coisas. A guerra "feminina" tem suas próprias cores, cheiros, sua iluminação e seu espaço sentimental. Suas próprias palavras. Nela, não há heróis nem façanhas incríveis, há apenas pessoas ocupadas com uma tarefa desumanamente humana. (ALEKSIÉVITCH, 2013 [1985], p. 12).

A pesquisadora serra-leonense Aisha Fofana Ibrahim demonstra o mesmo em sua tese de doutorado sobre a guerra civil na Serra Leoa (1991-2002): *War's other voices: testimonies by Sierra Leonean women*. Os testemunhos das mulheres serra-leonenses sobre a guerra podem ser indigestos e mesmo "indecentes" na medida em que falam de violência, fome, filhos e estupros com um tom destoante do esperado, por exemplo, apontam a pobreza como um trauma maior do que as violações físicas pelas quais foram submetidas por rebeldes e militares. Muito diferente da narrativa masculina da guerra que se pauta, geralmente, por binarismos, bem *versus* mal e heróis *versus* vilões.

Sendo quase impossível estudar as narrativas sobre a epidemia do ebola sem passar por questões da guerra civil, visto que os próprios serra-leonenses relacionam estes dois eventos críticos (Das, 1995), notei que também em relação ao ebola, as narrativas femininas se diferiam bastante daquelas produzidas por homens. Nos primeiros meses de campo na Serra Leoa, no ano de 2015, percebi que enquanto alguns homens falavam inglês e elaboravam uma narrativa jornalística frisando a aura do sobrevivente; mulheres geralmente não dominavam a língua inglesa - importante salientar que a Serra Leoa possui 18 idiomas diferentes - e sempre estavam atarefadas com as atividades domésticas do cotidiano. Assim, havia não só uma forma diferente de narrar a guerra e o ebola, mas também de vivê-los de acordo com o gênero.

Portanto, a partir dessa perspectiva, neste mês de maio de 2020, momento em que vivemos a pandemia do covid-19, foi impossível não atrelar algumas capas e reportagens de revistas e jornais ao livro de Aleksiévitch. Enquanto a autora ucraniana traz a contradição entre atuação feminina na II Guerra e a falta de

visibilidade da mesma no que tange à História, com h maiúsculo; a capa da revista Marie Claire México traz na sua capa uma mulher agente de saúde com a seguinte manchete “The real influencers: la resiliencia tiene cara de mujer” (abaixo).



Fonte: UOL (2020).

Outra reportagem muito celebrada foi a escrita pelo jornalista Gil Alessi para o *El país*, no dia dois de maio: “A luta contra o coronavírus tem o rosto de mulheres”. A foto da técnica em enfermagem Luciana Martinez deu cara ao texto (abaixo), que relatava que pelo menos 85% do setor da enfermagem no Brasil é composto por mulheres. Ou seja, mulheres estão na linha de frente do controle e do “combate” à pandemia.



**Fonte:** Alessi (2020).

Apesar da importância de ambas as reportagens, talvez algo extremamente importante esteja negligenciado em ambas as imagens e textos, o fato de que toda pandemia é racializada, não apenas aqueles que morrem são mais pretos do que brancos, bem como aquelas que cuidam são mais pardas e pretas do que brancas. Além disso, uma pandemia tem rosto de mulher não pelo fato de serem a maioria das cuidadoras na área da saúde, são também as cuidadoras no âmbito doméstico, sendo responsáveis pela gestão da alimentação, da água e também de auxílios emergenciais do Estado e de doações de mantimentos e materiais de limpeza, além de outros.

E, por estarem à frente do trabalho do cuidado, por mais que não sejam o grupo de risco da doença, são as mais afetadas na medida em que se encontram em situação de vulnerabilidade e risco tanto no que tange ao vírus quanto por estarem, muitas vezes, desassistidas financeiramente, mesmo sendo chefes de família; além disso, precisam enfrentar a pandemia da violência doméstica, que vê seus números saltarem em tempos de confinamento.

Geralmente, epidemias e pandemias afetam muito mais mulheres do que homens, visto que estas são as responsáveis pelo cuidado com doentes e com a gestão dos recursos domésticos, o que as sobrecarregam fisicamente e psicologicamente. Sabendo que toda pandemia é generificada, racializada e tem classe social, pode-se dizer que a crise do novo coronavírus no Brasil tem cara de mulher preta e periférica e, muitas vezes, deficiente. Ou seja, a pandemia afeta, mesmo que não mate, a base da pirâmide social brasileira.

## PODE UMA PESQUISADORA FALAR?

*[Q]uem pode contar com leitores masculinos?  
Estes costumam ler o que outros homens escrevem...*

- Ruth Klüger

Ruth Klüger, professora emérita de Estudos Germânicos da Universidade da Califórnia, autora judia que sobreviveu aos campos de concentração nazistas, diferentemente de muitos dos autores homens sobreviventes do holocausto judeu, faz relatos duros e crus em seu livro *Paisagens da memória: Autobiografias de uma sobrevivente do Holocausto* (2005). Seus relatos chegam mesmo a serem considerados estarecedores na medida em que revela que uma das melhores fases de sua infância/adolescência foi vivida em um gueto judeu durante a II Guerra Mundial. Sua narrativa é desprovida da aura heroica das encontradas em tantos outros autores homens que relatam o mesmo tipo de experiência. E, justamente por destoar das narrativas correntes, aponta Klüger as tantas vezes que seus relatos foram destituídos de legitimidade, principalmente por serem a história de guerra de uma mulher, afinal,

As guerras pertencem aos homens, e assim também as lembranças de guerra. Ainda mais o fascismo, mesmo que se tenha sido contra ou a favor: puro assuntos para homens. Além disso: mulheres não têm passado. Ou não têm que ter algum. É indelicado, quase indecente. (KLÜGER, 2005, p. 13).

Com a pandemia do covid-19 não é diferente, segundo a Lily, publicação do Washington feita apenas por mulheres, a produção científica das mulheres caiu drasticamente durante a quarentena e isolamento social enquanto a dos pesquisadores homens subiu pelo menos 50%. No Brasil, estes números se consolidam, visto que as pesquisadoras se encontram sobrecarregadas pelo cuidado doméstico com a casa, com os filhos e também com seus companheiros. Em contrapartida, cientistas homens em casa produzem muito mais na medida em que se voltam quase que exclusivamente para suas carreiras e produção científica.

A profusão de textos produzidos por homens nesta época de pandemia ultrapassa e muito os de mulheres, mesmo quando estas são as mais afetadas e, muitas vezes as grandes especialistas em diversos temas que estão relacionados a doenças e ao cuidado. Impressiona-me a quantidade de pesquisadores homens

dispostos a falarem sobre temas que não dominam enquanto as várias cientistas sociais da região nordeste do Brasil, com vastas pesquisas sobre epidemias e endemias – por exemplo, zika vírus, dengue, malária, dentre outros – não são os nomes de maior destaque nas publicações do país. Infelizmente, não faz muito tempo que a universidade era um lugar apenas de homens e, na menor crise, ela sempre volta a ser *locus* masculino, o que dizer então de uma grave pandemia?! Mulheres são as mais afetadas em pandemias inclusive no meio acadêmico, principalmente as intelectuais negras. Toda crise revela grandes ironias e uma delas é: a pandemia tem cara de mulher, mas, e a voz?

## BIBLIOGRAFIA

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ALESSI, Gil. A luta contra o coronavírus tem o rosto de mulheres. **El País Brasil**, São Paulo, 02 mai. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-02/a-luta-contra-o-coronavirus-tem-o-rosto-de-mulheres.html>>. Acesso em: 07 mai. 2020.

DAS, Veena. **Critical events**: an anthropological perspective on contemporary India. Oxford: Oxford University Press, 1995.

LILY/WASHINGTON POST. Women academics seem to be submitting fewer papers during coronavirus. Lily, Estados Unidos Da América, 24 abr. De 2020. Disponível em: < <https://www.thelily.com/women-academics-seem-to-be-submitting-fewer-papers-during-coronavirus-never-seen-anything-like-it-says-one-editor/?fbclid=IwAR3sYLUuXaH-1D3rTP6yH-ftZ3Rb32XRXKp-1kHLqTDMBl-9GLvY3h2holZI>> . Acesso em: 2 mai. 2020.

KLÜGER, Ruth. **Paisagens da memória**: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto. São Paulo: Editora 34, 2005.

IBRAHIM, Aisha Fofana. **War's other voices**: testimonies by Sierra Leonean women. 2006. 230 p. Ph. D. Dissertation – Illinois State University, 2006.

UOL. Mulheres da saúde viram capa de revista mexicana: 'verdadeiras influencers'. **Uol**, São Paulo, 29 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/04/29/mulheres-da-saude-viram-capa-de-revista-mexicana-verdadeiras-influencers.htm>>. Acesso em: 07 mai. 2020.

NOVAES, Letícia; VIVAS, Thiago. **Amoraim**. Rio de Janeiro. 2017. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=v9\\_woSmogPY](https://www.youtube.com/watch?v=v9_woSmogPY)>. Acesso em: 02 de maio de 2020.

PIMENTA, Denise **O cuidado perigoso**: tramas de afeto e risco na Serra Leoa (A epidemia do ebola contada por mulheres, vivas e mortas)/Denise Pimenta; orientador John Cowart Dawsey. - São Paulo, 2019. 351 f. Tese (Doutorado).

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.